

## Cultura, Tradução e Miscigenação na Arte

### *Culture, Translation and Miscegenation in Art*

Sonia Guggisberg<sup>1</sup>

#### Resumo

Este artigo aborda o procedimento de tradução que ocorre no confronto de diferentes linguagens, culturas e saberes. A tradução, segundo Boaventura Souza Santos, assume a forma de um procedimento de interpretação, com o propósito de identificar questões comuns, mas também os contrapontos, entrelaçando diferenças e deslocando dispositivos de poder dos sistemas políticos e sociais, de representação das diversas sociedades. O objetivo do estudo é analisar como a tradução opera na busca por conexões entre culturas com pensamentos distintos e sua condição de miscigenação. O artigo discute também os efeitos dessa dinâmica na arte e nas redes que se hibridizam, encontrando seus elementos comuns. Trata-se de um procedimento que se situa na interseção entre o mundo e o homem, a partir da reflexão de diferentes vozes, permitindo criar associações, gerar sentidos e encontrar direções, abrindo caminhos para uma compreensão social mais ampla.

Palavras-chave: Tradução; Cultura; Miscigenação; Arte.

#### Abstract/resumen/resumé

*This essay is about the translation procedure that takes place in the confrontation of different languages, cultures and knowledge. As the Boaventura Souza Santos defines, translation takes on the form of an interpretation procedure, with the proposal of identifying common questions, and also the counterpoints, twining differences and delocating power dispositifs in the political, social and representation systems of various societies. Translation has the objective of seeking the connection among cultures with distinct thoughts, allowing reflection about networks that hybridize, however finding their common elements. It is part of the intersection between world and man and takes place through the reflection on different voices, allowing the creation of associations, generation of senses, finding of directions and opening paths to a more extensive social comprehension.*

*Keywords/Palabras clave/Mots clefs: Translation; Culture; Miscegenation; Art.*

---

<sup>1</sup> Pós-doutoranda em Artes Visuais pela ECA-USP (Bolsa CNPq-Capes); Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP – Bolsa Fapesp) e Mestre em Artes pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp – Bolsa Capes). Atua como artista, videomaker e pesquisadora, participando de mostras coletivas e Individuais, palestras e workshops no Brasil e em outros países, desde a década de 90.

# SIIMI/2020

VII simposio internacional de  
innovacion en medios interactivos  
VII simpósio internacional de  
inovação em mídias interativas  
VII international symposium on  
innovation in interactive media

**HUB**  
eventos  
2020



Figura 1 – Série Silêncio, 2018 C. Fonte: a pesquisadora. Fotografia Sonia Guggisberg.

Tradução: estratégia que estrutura a criação Artística

Podemos ver a cultura como uma construção dinâmica que se constrói por um ciclo ininterrupto e aberto de experiências físicas e sensoriais. Está diretamente conectada com as ações humanas do dia a dia, é cognição contínua, é construção de sentidos e o local onde a tradução se dá. É um corpo que se atualiza e se renova por seguidas trocas; que se atualiza a cada nova descoberta do passado, produzindo um repensar do presente sobre o futuro.

O processo de tradução articula-se no confronto e nas conexões entre diferentes linguagens e culturas, assume a forma de um procedimento de interpretação entre estas com o propósito de identificar questões comuns, mas também contrapontos, explicitando diferenças e deslocamentos de formas de poder dos sistemas políticos e sociais de representação nas diferentes sociedades no mundo.

O que propicia a leitura de linguagens, gerando um novo resultado híbrido a partir da inter-relação entre formas distintas, é justamente o trabalho de tradução. Trata-se da intersecção entre os diferentes pontos de vista, entre as diferentes formas de expressão que não raramente geram novas linguagens. O procedimento é capaz de produzir um pensamento crítico, de modo que a sociedade possa redimensionar a noção de política e de cidadania. De maneira mais ampla, pode-se dizer que a tradução é tanto um procedimento intelectual quanto político, que apresenta o potencial de modificar a condição de invisibilidade daqueles quase nunca reconhecidos em suas ações como produtores atuantes de subjetividades. Sendo assim, a tradução é também um operador que tem como objetivo a busca de conexão entre culturas e pensamentos distintos, permitindo refletir sobre as redes que se hibridizam encontrando seus elementos comuns.

A tradução é o procedimento que permite criar associações e compreensões recíprocas por meio das experiências. "Há uma fala secreta no silêncio que torna a tradução próxima da criação [...]". (GREINER, 2010, p. 15). É preciso interrogar a lacuna, o

vazio, o silêncio que fala, ao mesmo tempo que reprime, deixa em suspensão, confunde e altera acontecimentos, contextos e sentimentos. Há momentos em que o silêncio aceita e conforta mas há outros em que assusta, engana, pergunta e responde ao mesmo tempo. Segundo Boaventura de Sousa Santos (2007), a gestão e a tradução do silêncio são as tarefas mais difíceis do trabalho de tradução.

Traduzir não consiste, evidentemente, em transformar literalmente uma linguagem em outra. A tradução constrói o discurso e, ao mesmo tempo, o desconstrói. É um processo que promove abertura dinâmica, interligando camadas de uma rede de informações em trânsito, que incorpora o outro e devora o inconformismo estático. Trata-se de uma reconfiguração, onde as estruturas se metamorfoseiam, criando novas interpretações e estratégias. O que está em questão é mapear que tipos de relações são possíveis entre diferentes conhecimentos e desmontar ou ultrapassar as linhas abissais que construíram o pensamento das sociedades.

O procedimento de tradução é também fundamental na criação. Sabe-se que, na arte, a produção de imagens foi usada para representar, reproduzir, mas também para documentar e traduzir passagens históricas, religiosas, políticas e cotidianas. Segundo Santos: Toda teoria crítica está na convicção de que é possível superar aquilo que é criticável, aquilo que nos causa desconforto, inconformismo ou indignação. (SANTOS, 2000, p. 27).

O trabalho documental na arte pode ser um vestígio de vida em diferentes tempos, de uma realidade transitória. Trata-se de um objeto que se articula onde os documentos são arquivos vivos que produzem outros arquivos. Precisam, por meio da seleção e da montagem, ser colocadas em relação a outros contextos, outras temporalidades e outros testemunhos. O processo de tradução resulta numa montagem narrativa de diferentes vozes e, segundo Arlindo Machado, são as vozes que fazem as asserções no documentário; e ele coloca: “A voz dialógica das entrevistas, a voz do depoimento, a voz dos arquivos das imagens, a voz dos diálogos ou monólogos no mundo.” (MACHADO, 2005, p. 86). Além dessas vozes citadas por Machado (2003), temos também a voz dos sons, dos ruídos urbanos, dos vestígios, da música e muitas outras.

Cada vez mais elaborados em forma de ensaios, os trabalhos documentais na arte surgem como objetos de pensamento, de reflexão sobre os diferentes modos de se ver o mundo; traduzem passagens, acontecimentos e experiências. Segundo Greiner (2010), “a chave encontra-se em como traduzir o passado, sendo este um recurso de ativar o futuro” e diz que essa seria uma forma para gerar dinamicidade, de colocá-lo em trânsito novamente. Documentos e testemunhos, mas também impressões sobre o mundo são os dados coletados que precedem a obra, o que vem depois como desdobramento é o objeto final, carregado da proposta de revisão de valores.

É igualmente importante compreender o potencial de participação da arte no debate político contemporâneo, sabendo que os limites desta tornaram-se fluidos, em termos visuais, narrativos e conceituais. Com seu potencial de proporcionar ao público ferramentas que lhe permitem esclarecer e entender melhor o mundo em que vive, os trabalhos documentais consolidam sua função social expondo a realidade sobre os jogos de interesses que atravessam toda a sociedade.

A tradução situa-se na mediação entre o mundo e o homem; dá-se a partir da reflexão de diferentes vozes; mostra-se um procedimento capaz de gerar sentidos e encontrar direções, de criar associações e compreensões recíprocas entre as experiências e os acontecimentos. A tradução é, ainda, “um trabalho emocional, porque pressupõe o inconformismo perante uma carência decorrente do caráter incompleto ou deficiente de um dado conhecimento ou de uma dada prática” (SANTOS, 2002, p. 37). Traduzir é também uma forma de ativar o sentido e o significado de acontecimentos à margem e com pouca visibilidade: é construir mapas sensíveis, visuais e sonoros e, por

# SIIMI/2020

VII simposio internacional de  
innovacion en medios interactivos  
VII simpósio internacional de  
inovação em mídias interativas  
VII international symposium on  
innovation in interactive media

**HUB**  
eventos  
2020

meio dessa construção, ativar partes da memória social e coletiva. É uma forma de rever um passado que invade o presente, apresentando possibilidades de se pensar o futuro. É uma construção capaz de gerar no espectador mapas de ideias ativados por sentidos, raciocínios, muitas vezes adormecidos. Como agente transformador, a tradução pode potencialmente promover, por meio da produção artística, discussões públicas, mudanças sociais e revisão de valores políticos. Tem o potencial de proporcionar ao público ferramentas que lhe permitem esclarecer e entender melhor o mundo em que vive, a arte consolida sua função crítica e social quando se mostra capaz de expor a realidade sobre os jogos de interesses que atravessam a sociedade. A obra de arte, por sua vez, é um testemunho que surge como desdobramento dessas informações mediadas e traduzidas.

Se a finalidade é criar práticas ou estratégias que possam atuar na sociedade, a tradução precisa trabalhar no sentido de gerar “zonas de contato capazes de tornar porosos e, portanto, permeáveis” (SANTOS, 2004, p. 80) discursos e saberes entre diferentes situações da vida humana.

O tempo em que vivemos é um tempo transitório e pode ser definido da seguinte maneira: precisamos de uma teoria geral sobre a impossibilidade de uma teoria geral. Isto é, precisamos de um universalismo negativo que possa dar lugar às ecologias de saberes e práticas transformadoras (SANTOS, 2004).

Cabe apostar em possibilidades de mudança, promover debates, atuando horizontalmente e com o devido respeito a cada cultura. Porém, para que se estabeleça um diálogo fértil, há que se mapear o tema em questão reconhecendo qualidades e fraquezas. Nesses termos, será necessário um enorme esforço de aceitação e reconhecimento de todas as partes, para que certas transformações realmente se concretizem. “Essa tarefa implica um vasto exercício de tradução para expandir a inteligibilidade recíproca sem destruir a identidade dos parceiros da tradução” (SANTOS, 2004, p. 80).

Com a força de proporcionar ao público ferramentas que lhe permitem esclarecer o momento atual, a arte tem o potencial de tradução consolidado em sua função crítica e social quando se mostra capaz de expor jogos de interesses que atravessam a sociedade e, assim como a cultura, esta enseja a assimilação do mundo e a mixagem do outro, devolvendo-o em uma nova forma editada.





# SIIMI/2020

VII simposio internacional de  
innovacion en medios interactivos  
VII simpósio internacional de  
inovação em mídias interativas  
VII international symposium on  
innovation in interactive media

**HUB**  
eventos  
2020



Figura 2 e 3 – Série Silêncio, 2018 C. Fonte: a pesquisadora. Fotografia Sonia Guggisberg.

Tradução e Dobra: uma condição para a Miscigenação



Figura 4 – Série Silêncio, 2018 C. Fonte: a pesquisadora. Fotografia Sonia Guggisberg.

Neste artigo o procedimento de tradução é pensado também a partir do conceito deleuzeano de dobra. Para o filósofo Deleuze (2008), a dobra vem acompanhada de uma série de movimentos latentes, tudo que dobra se redobra e se desdobra. A dobra é uma forma de flexão, de “molabilidade”, que apresenta uma relação entre o dentro e o fora, sem deixar de ser também uma forma de reflexão. É uma potência que implica um processo de investigação e, conseqüentemente, de subjetivação e dessubjetivação caracterizado por sua condição estrutural móvel e

# SIIMI/2020

VII simposio internacional de  
innovacion en medios interactivos  
VII simpósio internacional de  
inovação em mídias interativas  
VII international symposium on  
innovation in interactive media

**HUB**  
eventos  
2020

maleável. É a produção contínua de novas possibilidades, é a relação de novas forças que surge no pensamento livre e nômade, capaz de se reinventar e se multiplicar constantemente.

Para Deleuze (1991), a dobra representa a força de dobrar e desdobrar conceitos, de digeri-los e atualizá-los, criando aberturas para a produção de sentido. Diferente do pensar por dicotomias, em que um lado tem a intenção de ultrapassar ou anular o outro como objetivo, a dobra se estrutura nas possibilidades flexíveis e abertas em todas as direções, admitindo conceitualmente uma multiplicidade de pontos de vista. É um conceito que propõe uma adesão inclusiva e não a exclusão que separa e retira o outro do jogo. É um conceito que apresenta uma alternativa possível para se repensar o sistema político que recusa tudo aquilo que não está dentro de sua ideia central, de suas crenças e de seu modo de organização.

A tradução, além de ser uma espécie de dobra, com toda sua potência de se desdobrar, é também antropofágica, pois é uma maneira de devorar o outro e devolvê-lo de uma outra forma. Seria impossível escrever sobre tradução e cultura sem considerar a metáfora canibal na arte. Fundamentada por Oswald de Andrade no *Manifesto Antropofágico*, em 1928, a metáfora canibal afirmava que somente a antropofagia poderia nos unir. Tinha o objetivo de demarcar a cultura brasileira como aquela que devorava a cultura europeia, digerida e reinaugurava crítica e culturalmente um outro espaço. Era uma luta contra a dependência europeia e em favor de uma autenticidade para a cultura brasileira. Pela metáfora canibal podemos entender os processos de reconfiguração cultural, pois a miscigenação, a mistura étnica e cultural presente fortemente na América Latina, fez a cultura se desdobrar em diversas direções, renascendo em incontáveis outros formatos.

O objetivo deste estudo é entender também a sua condição híbrida, na perspectiva da miscigenação antropofágica. Trata-se de pensar a tradução não só como o lugar da cultura, mas como uma solução mais democrática, capaz de abrir caminhos para uma compreensão social, que repense a possibilidade de inclusão sem exclusão, que reinvente o presente, apresentando uma condição de reciprocidade mútua, em diferentes linguagens, etnias e conhecimentos com a forma emancipação social.



Figura 5 – Série Silêncio, 2018 C. Fonte: a pesquisadora. Fotografia Sonia Guggisberg.

A tradução mistura arquivos de memória e sentimentos, selecionando-os. É também uma forma de redescobrir a dimensão selvagem e livre que habita em todos nós como o modelo selvagem e canibal de origem indígena que abole, em seu estilo comunitário de vida, a ideia de centro e periferia, tão demarcada no espaço urbano e pelas culturas centrais. Entendemos hoje a periferia como o local onde as pessoas se encontram, se misturam, se desdobram e compartilham, promovendo a mistura de códigos de forma fluida. É o local da reinvenção das danças, dos cantos, da ingovernabilidade, é onde os sentidos afloram. Vale lembrar que “a antropofagia invade então o pensamento domesticado, selvagizando-o” (Castro; Sztutman, 2008, p. 15) e vice-versa. Consequentemente, trocas culturais ricas e interessantes cresceram nas periferias, entendendo que esta passou a ser vista por historiadores e pesquisadores como um importante local de compartilhamento, criação, mas também da miscigenação mais intensa.

A miscigenação no Brasil, dentro do trágico processo de colonização, desencadeou um achatamento de identidades aprofundando diferenças e reprimindo principalmente o lado mais frágil, marcado pelo sofrimento, pelas lutas e pela repressão colonial. Trata-se de uma mistura que apresentou como resultado pessoas que não são nem europeus, nem índios, nem africanos, são um pouco de tudo. Trata-se de um povo híbrido, que se construiu na mistura e, com as devidas e conhecidas limitações do preconceito e da herança colonial, tiveram que sobreviver as diferenças e inaugurar outras formas de viver, ser e pensar.

Em um discurso comum que se difunde nas comunidades indígenas, os índios afirmaram em alguns momentos, que estavam virando brancos e se acabando. Contrariamente, Castro e Sztutman esclarecem que:

O que parece, entretanto, é que não se acaba nunca de virar branco; e que os índios não acabam de acabar; é preciso continuar a ser índio para poder se continuar a virar branco. E parece também que virar branco à moda dos índios não é exatamente a mesma coisa que virar índio à moda dos brancos. Até que se vire. Mas aí, como se sabe, aquilo que se virou vira outra coisa. (2008, p. 158).

Neste sentido, é que verificamos o desdobrar de misturas, pois estas se traduzem sempre em algo novo, se reconstruindo de maneira móvel e constante. Embora este seja um processo de canibalização e miscigenação mútua, a ideia não é nivelar, ou torná-las iguais, unificando-as, mas encontrar um procedimento tradutório que possibilite a ambos serem igualmente diferentes com suas múltiplas e contínuas dobras.

O canibalismo ou a absorção do outro, em sua forma metafórica pode ser pensada também como uma maneira de desmontar dispositivos de poder, isto porque engolir e digerir algo implica a não aceitação opressora do poder do “centro”. A “tradução, como se diz, sempre é uma traição” (Castro; Sztutman, p. 122). Sendo assim, podemos citar o caminho da cultura europeia ocidental, que em diferentes escalas, caminhou inversamente à cultura latino-americana. Trata-se de uma cultura que contrai as possibilidades de misturas, portanto de expansão, para manter o controle centralizado; retrai o momento presente com a promessa de se expandir no futuro.

A questão é que o processo de organização contraído influenciou e direcionou, nas devidas proporções, a cultura latino-americana para um pensamento racional-humanista fechado, no qual o sujeito organiza o objeto, seu espaço, sua cidade mas não dá voz a quem fala, não permite uma realidade híbrida de fato e em constante transformação. É uma sociedade que sabe da existência do outro, mas não o escuta, não se aproxima, não troca nem compartilha. Portanto, não permite que a constante “digestão”, interação entre culturas se estabeleça de modo crescente e natural. Entendemos que, segundo Deleuze, os ciclos de dobras e trocas na cultura e na natureza humana produzem conhecimento e caminham juntos, entretanto, se estes se

estabilizam de forma circular, o desdobrar não acontece, a renovação não se estabelece, e acaba limitando o crescimento.

Engolir e digerir experiências carregadas de diferenças conceituais, religiosas e mesmo étnicas implica em desmontar fronteiras e reconhecer a presença do outro. Se não houver um encaixe das partes, uma costura que as una e as relacione gerando sentidos e alianças, o contexto corre o risco de se esvaziar. O que está em questão é a abertura de possibilidades para uma estrutura baseada na diversidade, é um procedimento no qual o centro se descentraliza no reconhecimento e na incorporação da alteridade. Somente assim se consegue estabelecer um processo de tradução mútua, uma verdadeira reconfiguração, onde as estruturas se metamorfoseiam, criando novas interpretações e novas possibilidades para um mesmo jogo.

É preciso destrinchar e mapear que tipos de relações são possíveis entre diferentes conhecimentos, e desmontar ou ultrapassar as linhas abissais que construíram o pensamento das sociedades dividindo os seres humanos entre incluídos e excluídos. Segundo Santos, “através da tradução, torna-se possível identificar preocupações comuns, aproximações complementares e, claro, também contradições inultrapassáveis.” (Santos, 2010, p. 62)

Podemos dizer que são questões carregadas de perguntas que não calam: “como realizar um diálogo multicultural quando algumas culturas foram reduzidas ao silêncio e suas formas de ver e conhecer o mundo se tornaram impronunciáveis?” (Santos, 2009, p. 31). Como gerar um diálogo entre culturas diversas com o objetivo de incluir sem excluir com tantas contradições? Como gerar formas de esclarecimento e entendimento das diferenças sem comprometer a dignidade do outro?

## Referências Bibliográficas

ANDRADE, Oswald de. *O manifesto antropófago*. In: TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda europeia e modernismo brasileiro*: apresentação e crítica dos principais manifestos vanguardistas. Petrópolis: Vozes; Brasília: INL, 1976.

ARANTES, Priscila and OLIVEIRA, Mirtes. Design e Ativismo. ***DATJournal Design Art and Technology***, Vol 4 No 2 (2019). Editorial, p.1-2. Disponível em: <<https://datjournal.anhemi.br/dat/article/view/124/103>> . Acesso em: 26 set. 2019. DOI: <https://doi.org/10.29147/dat.v4i2.124>

BAPTISTA, Caco. *Teoria crítica e epistemologia na pós-modernidade inquietante*: as propostas de Boaventura de Sousa Santos para construção de um novo senso comum emancipatório em A crítica da razão indolente, 2010. Resenha do livro A crítica da razão indolente, de Boaventura de Sousa Santos. Disponível em: <http://professorcaco.blogspot.com.br/2010/05/teoria-critica-e-epistemologia-na-pos.html>>. Acesso em: 02 junho. 2014.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. *A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2002.

CASTRO, Eduardo Viveiros de; SZTUTMAN, Renato (Org.). *Encontros*. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2008.

DELEUZE, Gilles. *A dobra*: Leibniz e o barroco. Campinas: Papiрус, 1991.

GREINER, Christine. *O corpo em crise*: novas pistas e o curto-circuito das representações. São Paulo: Anablume, 2010.

GUGGISBERG, Sonia. *Redes de imagens, memórias e testemunhos*: por uma documentação performativa de saberes. São Paulo: Intermeios, 2017.



# SIIMI/2020

VII simposio internacional de  
innovacion en medios interactivos  
VII simpósio internacional de  
inovação em mídias interativas  
VII international symposium on  
innovation in interactive media

**HUB**  
eventos  
2020

GUGGISBERG, Sonia. *Roda Viva ( Life Wheel)*. *Proceedings of Artech 2019, 9th International Conference on Digital and Interactive Arts*. Braga, Portugal. DOI: <https://doi.org/10.1145/3395852.3359932>

LINS, Consuelo; REZENDE, Luiz Augusto; FRANÇA, Andréa. A noção de documento e a apropriação de imagens de arquivo no documentário ensaístico contemporâneo. *Revista Galáxia*, São Paulo, n. 21, p. 54-67, jun. 2011.

PRADO, Gilberto; TAVARES, Monica; ARANTES, Priscila (Org.). *Diálogos transdisciplinares: arte e pesquisa*. São Paulo: ECA/USP, 2016.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A crítica da razão indolente*. São Paulo: Cortez, 2000.

\_\_\_\_\_. *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. Porto: Afrontamento, 2006.

\_\_\_\_\_. *É preciso pensar e reinventar Portugal*, 2011. Disponível em: <http://saladeimprensa.ces.uc.pt/?col=noticias&id=3919>>. Acesso em: 02 junho. 2014.

\_\_\_\_\_. *O futuro do Fórum Social Mundial: o trabalho da tradução*. Fórum Social Mundial, 2004. OSAL, Observatorio Social de América Latina (año V nº. 15 sep-dic 2004). Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/gsd/collect/clacso/index/assoc/D3725.dir/8sousasantos15.pdf> >. Acesso em: 02 junho. 2014.

\_\_\_\_\_. *Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências*. Centro de Estudos Sociais, Coimbra, 2007. Disponível em: [http://www.google.com.br/search?client=safari&rls=en&q=Para+uma+sociologia+das+ausências+e+uma+sociologia+das+emergências&ie=UTF-8&oe=UTF-8&gfe\\_rd=cr&ei=C7OMU6vvLIGX8Qfei4DQBO](http://www.google.com.br/search?client=safari&rls=en&q=Para+uma+sociologia+das+ausências+e+uma+sociologia+das+emergências&ie=UTF-8&oe=UTF-8&gfe_rd=cr&ei=C7OMU6vvLIGX8Qfei4DQBO) >. Acesso em: 02 jun. 2014.

\_\_\_\_\_. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 63, p. 237-280, 2002. Disponível em: < [http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/pdfs/Sociologia\\_das\\_ausencias\\_RCCS63.PDF](http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/pdfs/Sociologia_das_ausencias_RCCS63.PDF) >. Acesso em: 02 jun. 2014.

\_\_\_\_\_. MENEZES, Maria Paula (Orgs.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.